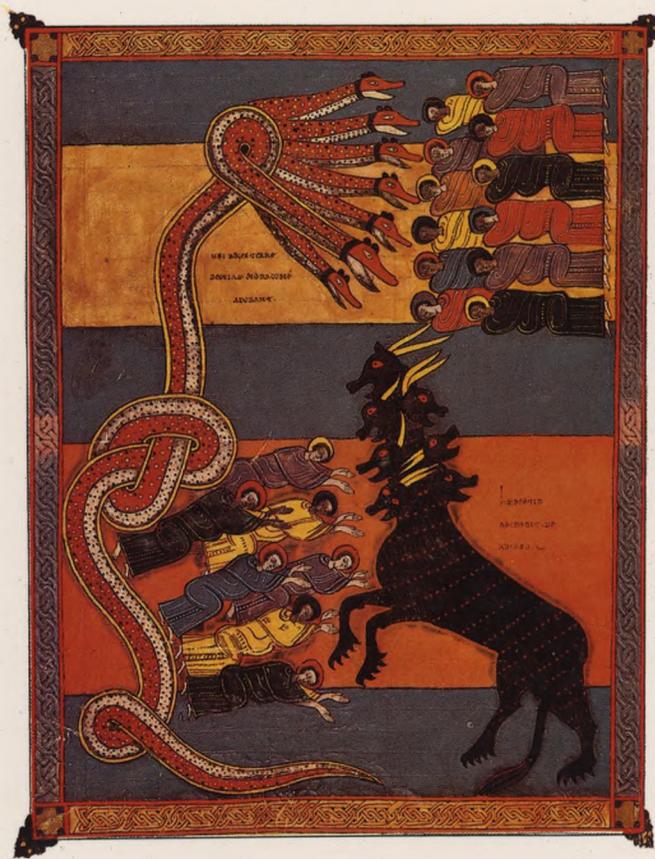


⓪ Sagrado e o Profano



HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1986

CONFISSÃO E ASSACRALIDADE EM FERNÃO MENDES PINTO

«Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos e grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram, começados no princípio da minha primeira idade e continuados pela maior parte e melhor tempo da minha vida, acho que com muita razão me posso queixar da Ventura, que parece que tomou por particular tenção empresa sua perseguir-me e maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser matéria de grande nome e de grande glória. Porque vejo que não contente de me pôr na minha pátria, logo no começo da minha mocidade, em tal estado que nela vivi sempre em misérias e em pobreza, e não sem alguns sobressaltos e perigos da vida, me quis também levar às partes da índia, onde, em lugar do remédio que eu ia buscar a elas, me foram crescendo com a idade os trabalhos e os perigos.

Mas, por outra parte, quando vejo que do meio de todos estes perigos e trabalhos me quis Deus tirar sempre em salvo e pôr-me em seguro, acho que não tenho tanta razão de me queixar por todos os males passados, quanta de Lhe dar graças por este só bem presente, pois me quis conservar a vida para que eu pudesse fazer esta rude e tosca escritura, que por herança deixo a meus filhos (porque só para eles é minha tenção escrevê-la) para que eles vejam nela estes meus trabalhos e perigos da vida que passei no discurso de vinte e um anos em que fui treze vezes cativo e dezassete vendido, nas partes da índia, Etiópia, Arábia Félix, China, Tartária, Macassar, Çamatra, e outras muitas províncias daquele oriental arcipélago dos confins da Ásia, a que os escritores chins, siamês, *

* Universidade de Pádua.

gueos e léquios, nomeam nas suas geografias por 'pestanda do mundo', como ao diante espero tratar muito particular e muito difusamente. E daqui por ùa parte tomem os homens motivo de se não desanimarem c'os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem, porque não há nenhuns, por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana ajudada do favor divino, e por outra me ajudem a dar graças ao Senhor omnipotente por usar comigo da sua infinita misericórdia, apesar de todos meus pecados, porque eu entendo e confesso que deles me naceram todos os males que por mim passaram, e dela as forças e o ânimo para os poder passar e escapar deles com vida» 0).

Fernão Mendes Pinto enceta a sua narração colocando-se objetivamente sob a perspectiva de uma confissão. Ele tem diante de si uma série de experiências pessoais, num longo período existencial, com uma multiplicidade de fatos, feitos, episódios, experiências, vivências, sentimentos. Diante de si está um amplo espaço, internado num vasto tempo, ambos perfeitamente conhecidos, sobre os quais ele se debruça no ato de pura liberdade expressiva. A sua primeira atitude é a de recuperar este espaço e este tempo existenciais através da memória crítica. Esta se encaminha para a realização do projeto apoiada principalmente na atitude de um ato confessional. Os pressupostos claros deste ato estão mais ligados à esfera do religioso do que a outra qualquer dimensão. O autor propõe-se à confissão ligando-se logo a uma (sua) convenção espiritual. Por isso, ele principia por tratar a sua escritura voluntária como um ato de homenagem à «infinita misericórdia divina» que o preservou de tantas e tamanhas experiências para que

(¹) Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação e outras obras*: texto crítico, prefácio, notas e estudos por António José Saraiva, 3 vols., Col. de Clássicos Sá da Costa, Lisboa, Liv. Sá da Costa Ed., 1961, cap. I, pp. 3-4. Assim como para esta, todas as citações da *Peregrinação*, com excepção da conclusiva deste estudo, são remetidas para a edição de A. J. Saraiva. Aqui é propositada a longa citação do texto e tem a finalidade de introduzir o sistema de reflexões típicas do presente estudo dentro do próprio universo textual de Fernão Mendes Pinto.

Além da edição de Saraiva, nesta oportunidade tivemos sempre diante de nós a edição de Adolfo Casais Monteiro, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983 (transcrição conforme a ed. de 1952-53, a partir da 1.^a da *Peregrinação*). De boa valia se revela a antologia crítica de João David Pinto Correia, *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, 2.^a ed., Lisboa, Ed. Comunicação, 1983 (com ampla bibliografia). Naturalmente já agora indispensável no campo bibliográfico é o volume de Alexandre M. Flores, Reinaldo Varela Gomes, R. H. Pereira de Sousa, *Fernão Mendes Pinto — Subsídios para a sua bio-bibliografia*, Almada, Câmara Municipal de Almada, 1983.

ele pudesse chegar até este momento inicial do ato de escrever sobre as próprias experiências. Então, ele reforça a atitude confessional afirmando que os benefícios do «Senhor onnipotente» superam até mesmo a consideração de seus muitos pecados.

Desta maneira, pode-se considerar a postura inicial do texto mendesiano como clara integração na melhor tradição dos textos confessionais, onde o impulso da denúncia da própria existência nasce da repugnância que, desde a lição mestra das *Confissões* de Santo Agostinho, os autores do gênero demonstram pelos pecados cometidos. Nesta linha de escritores, a equação «pecado-confissão-arrependimento» condiciona substancialmente a escritura. Neste sentido se orienta a inicial atitude de Fernão Mendes Pinto na *Peregrinação*. Os pecados, os seus pecados, foram os agentes de tantos fatos que estão para serem relatados. Eles foram a razão de tantas infelicidades vividas e assistidas no longo trajeto existencial: «porque eu entendo e confesso que deles me naceram todos os males que [por] mim passaram». A execração do pecado leva à confissão como louvor da misericórdia divina: «...e dela [me naceram] as forças e o ânimo para os poder passar e escapar deles com vida».

A atitude confessional mendesiana ligada a uma sacralidade formal aparece, sem dúvidas, por todo o corpo da *Peregrinação*, dando claramente a denotação da religiosidade convencional da cultura do autor (2). Ele não se exime de indicar, mesmo nos momentos da maior intensidade narrativa, tais elementos que são, claramente, valores constitutivos da escritura mendesiana finalizada.

Todavia, já na abertura da *Peregrinação* esta intencionalidade de relações com a tradição das «confissões», a partir da linha agostiniana, apresenta-se com evidentes contradições, começando pela atitude do ainda «eu confessional» que, em verdade, se apresenta mais no aspecto reflexivo e suficiente de alguém conhecedor da intensidade expressiva daquilo que está por revelar, que de um pecador sofredor do peso de suas faltas e em execração delas. A presença desta condescendência

(2) Dentro do convencionalismo cultural expresso no texto mendesiano não podemos igualmente deixar de ver a expressão de auto-censura que as condições objetivas da época obrigava a autores da natureza de Fernão Mendes Pinto e a textos específicos do tipo da *Peregrinação*. Neste sentido, v. António José Saraiva, *Inquisição e cristãos-novos*, Porto, Inova, 1969; igualmente, Alfredo Margarido, «La multiplicité des sens dans récriture de Fernão Mendes Pinto et quelques problèmes de la littérature de voyages au XVIème siècle», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XI, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1977, pp. 159-199.

para cam o «externo expressivo», em detrimento do «interno penitencial», condiciona a abertura da *Peregrinação*, dando-lhe igualmente o torn estilístico que se desenvolverá por toda a escritura do texto. O uso do conceito «Ventura», ligado a uma consciência cosmo-naturalista condutora do indivíduo narrador por um vagar de azares vários e contraditórios, imediatamente conduz a obra mendesiana para uma tomada ideológica revolucionária (3). Já nestes primeiros momentos a escritura começa a fugir do convencionalismo piedoso que caracteriza a grande maioria dos livros de auto-confissões da cultura cristã medieval, numa constante pesquisa de dimensões expressivas inovadoras. Logo a ironia metafórica se estabelece, impedindo a ressonância de ritmos tradicionais e convencionais, próprios da negativa estabilização do gênero: «...acho que com muita razão me posso queixar da Ventura, que parece que tomou por particular tenção e empresa sua perseguir-me e maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser matéria de grande nome e de grande glória» (4). A metáfora se instaura como elemento essencial da confissão. Com isso — e imediatamente — o «interior penitencial» cede lugar à valorização do «exterior expressivo».

A posição inovadora adquirida por Fernão Mendes Pinto já na abertura de seu trabalho estabelece uma premissa de síntese com a sacralidade convencional — posição que se repetirá coerentemente no decurso da narrativa — na expressão otimista quanto às possibilidades do homem, ajudado pela bondade divina, diante do mundo: «E daqui por ũa parte tomem os homens motivo de se não desanimarem c'os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem, porque não há nenhuns, por grandes que seja, com que não possa a natureza humana ajudada do favor divino». O novo homem renasci-

(3) Interessante seria comparar os sentidos de «ventura» usados pelos diversos autores do século XVI. Quanto a Camões, e especificamente em relação ao poema «Sobolos rios», v. Sílvio Castro, *Tre Studi e variazioni su Camões*, Pádua, Univ. de Pádua, 1982, esp. o cap. I.

(4) A grande força expressiva e artística das *Confissões* de Santo Agostinho, impulsora de todo o gênero desde a Idade Média até aos nossos dias, no findar do período medieval perde substancialmente condições de condicionamento dos textos confessionais. Nos séculos XIV e XV, especialmente, o gênero cai em expressões excessivamente convencionais naqueles que podem ser chamados «textos edificantes», dos quais vemos ainda hoje herdeiros na pior literatura religiosa de certas edições missionárias que invadem principalmente a área do 3.º mundo, em particular a América Latina.

mental de imediato se introduz na proposição expressiva da escritura típica da *Peregrinação* (5).

A síntese de ousada inovação conotativa e de tímida reafirmação de uma sacralidade formal conduzirá o texto mendesiano a determinada escritura revolucionária que se afirma compositamente com o mesmo texto, envolvendo-se sucessivamente com o característico sistema aberto da estrutura narrativa.

A atitude de valorização do exterior expressivo transforma lenta, mas inequivocamente o inicial «eu confessional» em expressivo «eu narrativo». Até mesmo as primeiras lamentações auto-punitivas, de «pobre diabo», de uma vida sempre «em miséria e em pobreza», aparentemente ligadas à esfera da exacração penitencial, estão mais próximas da identificação de um «eu» que, mesmo coberto pela convenção do ato confessional, conhece e estima a própria autonomia. A afirmação dos crescentes trabalhos e perigos com o passar dos anos, em contraposição com os remédios para a existência difícil, é um ato de identificação mais carregada de orgulho que de humildade.

Desde então se estabelecem os processos retóricos que fazem da *Peregrinação* uma obra voltada mais à expressão estética que à mensagem ética. Retórica é a qualificação da escritura: «rude e tosca»; assim como retórica é o endereço da mesma: «...que por herança deixo a meus filhos (porque só para eles é minha tenção escrevê-la)» (6). Neutralizando o possível espírito ético de tais sintagmas — fortemente reforçados pela habitual ligação com a vontade divina protetora, jamais esquecida pelo Fernão Mendes Pinto ligado às dificul-

(5) A complexidade de relacionamento cultural entre a Idade Média e o Renascimento em Portugal encontra iluminantes sínteses na obra de J. S. da Silva Dias, especialmente com e em *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal nos séculos XVI e XVII*, <t. 1, 2 vols., Coimbra, 1960; *A Política Cultural da Época de D. João III*, Coimbra, 1969, e *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, Lisboa, 1982.

Nesta elaboração de relações entre duas épocas culturais, v., ainda, Georg Friederici, *Caráter da Descoberta e Conquista da América pelos Europeus*, (trad. bras.), Rio de Janeiro, INL, 1967; e Luis Barreto, *Descobrimentos e Renascimento*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.

(6) A falsa humildade como elemento retórico é uma característica dos autores da época, desde os mais eruditos até aos autores de textos ligados à chamada «literatura de viagem». V., Silvio Castro, *La Lettera di Pero Vaz de Caminha sulla scoperta del Brasile*, Pádua, Univ. de Pádua, 1984; ou ainda na 2.^a edição, 1.^a brasileira, *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, Porto Alegre, L&PM, 1985.

dades ideológicas de seu tempo — ele logo dá ênfase ao seu mundo pessoal, ao seu universo onírico: «...para que eles vejam nela estes meus trabalhos e perigos da vida que passei no' discurso de vinte e um anos em que fui treze vezes cativo e dezassete vendido, ñas partes da índia, Etiópia, Arabia Félix, China, Tartária, Macassar, Çamatra». Os nomes desconhecidos e sonoros funcionam como elementos catalizadores de sonhos e fantasias, ecos de um mundo exótico feito para encantar os ouvintes atentos de tantos fatos e de tanta vida.

Desta maneira fica imediatamente estabelecida a equação geral que guiará Fernão Mendes Pinto na sua escritura revolucionária da *Peregrinação*. O ponto de vista principal é a experiência pessoal adquirida em vinte e um anos de peripécias e aventuras, experiência revisitada criticamente pela memória mendesiana. A atitude autobiográfica é claramente preponderante no projeto. De matéria viva, revista criticamente, se compõe a narração. O autor quer ser verdadeiro e sincero na recuperação do passado, não só para com o público, mas também para consigo mesmo. Além disso, inicialmente ele deseja recriar todas essas verdades, agora escritura, para um público determinado e limitado — os seus filhos — e não deseja outras glórias senão essas do bom exemplo, para a sua fadiga. Esta é a posição objetiva do autor ao começar o trabalho, pensando em ser tão honesto nas suas metas quanto deseja sê-lo na revelação da matéria narrativa.

Uma tal organização moralista tenderia naturalmente a conduzi-lo à finalização da obra em linhas com predominantes valores éticos. Daí o tom inicial e constante de confissão do texto, bem como a tendência de estruturar a confissão na exaltação dos valores de uma sacralidade consciente do próprio comportamento moral: «Nós velejando daqui por nossa derrota *prouve a Nosso Senhor* que em três dias chegámos ao porto de Mutipinão que era o para onde íamos» (7). «...em companhia do perro do Coja Acem, seu capitão e caciz maior d'el-rei de Bintão, e 'derramador e bebedor do sangue português', como se ele intitulava nos começos das suas cartas e publicamente pregava a todos os mouros, por respeito do qual, e *pelas supertições da sua madita seita*, era deles muito venerado» (8).

Fernão Mendes Pinto ao esboçar a estrutura moral de seu trabalho tende a diminuir-se penitencialmente, projetando

(7) Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XLVII, vol. I, p. 180. A acentuação do texto mendesiano em itálico é sempre nossa.

(8) *Idem, ibidem*, cap. LIX, p. 236.

de si mesmo a imagem de um pecador arrependido, homem simples e indefeso, temeroso de Deus e dos perigos do mundo, capaz de relatar de si mesmo as maiores ofensas sofridas: «E trazendo-nos com esta determinação *mais treze dias banquetados cada hora de muitos açoutes*»⁽⁹⁾.

Será justamente a integração nesta confissão absolutamente sincera — ainda que não sempre necessariamente real — que levará a escritura mendesiana ao máximo de valorização poética, ao mesmo tempo que conduzirá o autor à recriação expressiva de seu universo moral e religioso.

Naturalmente, para chegar a uma linguagem nova o autor da *Peregrinação* deve usar instrumentos capazes de conduzir o gênero a novas estruturas expressivas. Não basta somente a sinceridade, esta já um *topos* típico das auto-biografias confessionais desde a lição de Santo Agostinho, ainda que, em geral, sem a simplicidade da desqualificação pessoal característica do texto mendesiano⁽¹⁰⁾. Porém, na linguagem de Fernão Mendes Pinto o *topos* «sinceridade» se recria diante da marcante denúncia do anti-herói que existe em todo homem. Aparentemente é uma denúncia do «pobre diabo» a que se reduz a natureza humana, mas, com a constante crítica dos valores convencionais e a perseverante presença no mundo, este mesmo «pobre diabo» se levanta moralmente e conquista para si uma nova dimensão existencial⁽¹¹⁾. Mais além desses valores de conteúdo — e naturalmente em simbiose com os mesmos — a escritura mendesiana se forma a partir de específicos elementos estilísticos, o que faz da *Peregrinação* essencialmente uma obra literária. Dentre os muitos valores expressivos usados por Fernão Mendes Pinto em sua língua, a ironia se apresenta com acentuado realce. É através dela que a narração passa com grande equilíbrio da exaltação das aventuras exteriores às reflexões do autor; da apresentação dramática de uma mul-

⁽⁹⁾ idem, *ibidem*, cap. I, p. 6.

⁽¹⁰⁾ Para a tópica de origem medieval, v., E. R. Curtius, *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, Rio de Janeiro, INL, 1957. (Título original: *Europäische Literatur un Lateinisches Mittelalter*, 1948).

⁽¹¹⁾ O «eu narrador» da *Peregrinação* tem na caracterização que se dá de um anti-herói a força para criar toda a expressividade do texto, fazendo dele uma das obras do século XVI português de maior modernidade para os leitores do nosso tempo. As análises específicas neste sentido feitas por Antônio José Saraiva são de marcantes significados, especialmente em *Fernão Mendes Pinto e o Romance Picaresco*, in *Para a História da Cultura Portugal*, vol. II, 1961; e em *Fernão Mendes Pinto ou a sátira picaresca da ideologia senhorial*, in *História da Cultura em Portugal*, vol. III, 1961, pp. 343-396.

tidão de comparsas à participação do narrador nesta multidão. A ironia mendesiana é predominantemente reflexo do «eu narrador», da natureza mesma do Fernão Mendes Pinto transformado em personagem. Dificilmente ela deixa esta dimensão para chegar à criação e transfiguração da linguagem por meio do humorismo derivado de citações irônicas. A metáfora mendesiana, por isso mesmo, é irruente e de grande efeito. Ela conforma diretamente, de dentro, o conceito expresso, as ressonâncias da comunicação e a estabilização do texto como elemento que vale por si enquanto texto. Não apela ironicamente pela atenção do leitor. Não se estabelece a partir de uma relação com o exterior, mas se afirma desde o estabelecimento dos sintagmas expressivos utilizados. Isto acontece nas mais diversas circunstâncias, onde o «eu narrador» se afirma completamente, em perda do «eu penitenciai» originário. Assim no tratamento e citação dos elementos de uma sacralidade convencional: «Os quais [inimigos], vendo a nossa determinação, se determinaram também como homens esforçados, e saído a receber os nossos obra de vinte e cinco ou trinta passos fora da sua tranqueira, se travou a briga entre uns e outros tão áspera e com tanto ímpeto que *em pouco mais de dous credos* ficaram no campo quarenta e cinco mortos, dos quais sós os oito foram nossos, e todos os mais da parte contrária» (12). Ou em modo mais radical, quase estabelecendo uma forma anti-tética para o uso da expressão dos sentimentos sacros em momentos de particular dramaticidade existencial: «Tanto que o dia foi de todo claro e, descobrindo já todo o mar, não vimos António de Faria, acabámos todos de pasmear de maneira que nenhum de nós teve mais acordo para nada. E continuando neste trabalho e agonia até quase as dez horas, com tanto medo e desventura quanto me não atrevo a declarar com palavras, viemos a dar à costa, e meios alagados nos foram os mares rolando até ùa ponta de pedras que estava adiante, na qual, em chegando, c'o rolo do mar nos fizemos logo em pedaços. E pegados todos uns nos outros, com grande grita de 'Senhor Deos misericórdia', nos salvámos, dos vinte e cinco portugueses que éramos, os catorze somente, e os onze ficaram ali logo afogados com mais dezóitos moços cristãos e sete chins marinheiros.

E esta desventura sucedeo ùa segunda-feira, cinco do mês de Agosto, do ano 1542, pelo qual Nosso Senhor seja louvado para sempre» (13).

(12) Fernão Mendes Pinto, ob. cit., vol. I, p. 34.

(13) *Idem, ibidem*, vol. II, cap. LXXIX, p. 84.

Com este tom de rara invenção expressiva Fernão Mendes Pinto realiza e edifica a sua deambulação testemunhal, porém, do projeto inicial de pura confissão edificante restam somente os aspectos exteriores.

No projeto novo e característico da *Peregrinação* o autor continua o procedimento confessional, mas já agora numa total liberação retórica, não em contradição com as antigas estruturas normativas do gênero, mas perseguindo uma renovação para o mesmo. Ao lado da sinceridade, *topos* normativo da tradição confessional, Fernão Mendes Pinto incorpora à sua *Peregrinação*, o constante processo inventivo de linguagem, outros *topoi*. Ali está um novo sentido da viagem como conhecimento de si mesmo através do conhecimento do «outro»; a revelação do desconhecido exótico como conhecimento do próprio espaço natal; a decodificação do «diverso» para compreensão do normal convencional; a revelação das aparentes antíteses de comportamento do homem como norma do mesmo comportamento humano; a elevação da aventura como ritmo moral para a existência.

O novo projeto mendesiano contempla principalmente a passagem, através da confissão, da sacralidade adquirida e formalizada a uma assacralidade — uso aqui intencionalmente o termo não muito vernáculo — que não é a negação daquela, mas uma sua modernização informal. Com isso, Fernão Mendes Pinto realiza a sua peregrinação no Oriente, isto é, no mundo, com a visão do novo humanismo renascentista: em lugar da destruição violenta e guerreira, a procura ativa de si mesmo no conhecimento do «outro» (14).

«E nisto vieram a parar meus serviços de vinte e um anos, nos quais fui treze vezes cativo, e dezasseis vendido».

(14) A enunciação e elaboração desta temática eu a começo a realizar em «O Brasil como lugar e universo mítico na pesquisa humanístico-renascentista entre os séculos XVI e XVII» in *Contributi sulla genesi della idea di Brasile*, Pádua, Univ. de Pádua, 1985.

BIBLIOGRAFIA CRÍTICA MÍNIMA

- Barreto, Luís, *Descobrimento e Pienascimento*, Lisboa, 1983.
- Catz, Rebeca, *A Sátira social de Fernão Mendes Pinto*, Lisboa, 1978.
- , *Fernão Mendes Pinto - Sátira e anti-cruzada na Peregrinação*, Lisboa, 1981.
- Correia, J. D. Pinto, *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, 2.^a ed., Lisboa, 1983.
- Dias, J. S. da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal nos séculos XVI e XVII*, 2 vols., Coimbra, 1969.
- , *A Política cultural da época de D. João III*, Coimbra, 1969.
- , *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, Lisboa, 1982.
- Flores, A. M.; Gomes, R. Varela; Sousa, R. H. Pereira de, *Fernão Mendes Pinto - Subsídios para a sua bio-bibliografia*, Almadá, 1983.
- Margarido, Alfredo, «La multiplicité des sens dans l'écriture de Fernão Mendes Pinto e: quelques problèmes de la littérature de voyages au XVIème siècle», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XI, Paris, 1977, pp. 159-199.
- Saraiva, A. J., *Peregrinação e outras obras* (de Fernão Mendes Pinto), 3 vols., Lisboa, 1961.
- , *História da Cultura em Portugal*, Lisboa, 1961 (vol. III).
- , *Para a historia da cultura em Portugal*, Lisboa, 1961 (vol. II).